

# BOLETIM **HA** HISTÓRICO

Eletropaulo  
ELETRICIDADE DE  
SÃO PAULO S.A.

## GUINLE THAIJ LIGHT VS. EJNIVUQ

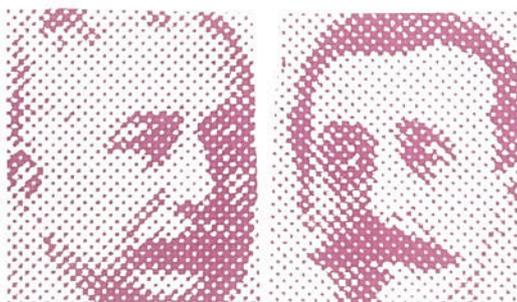
Página 5



Uma experiência de descarte de documentos Página 10

S BONDES ESPECIAIS DOS  
NS DE SEMANA Página 13

MÁQUINA INVENTADA POR  
OTÓGRAFOS DA ELETROPAULO Página 15



## KRIEUTZWURZ

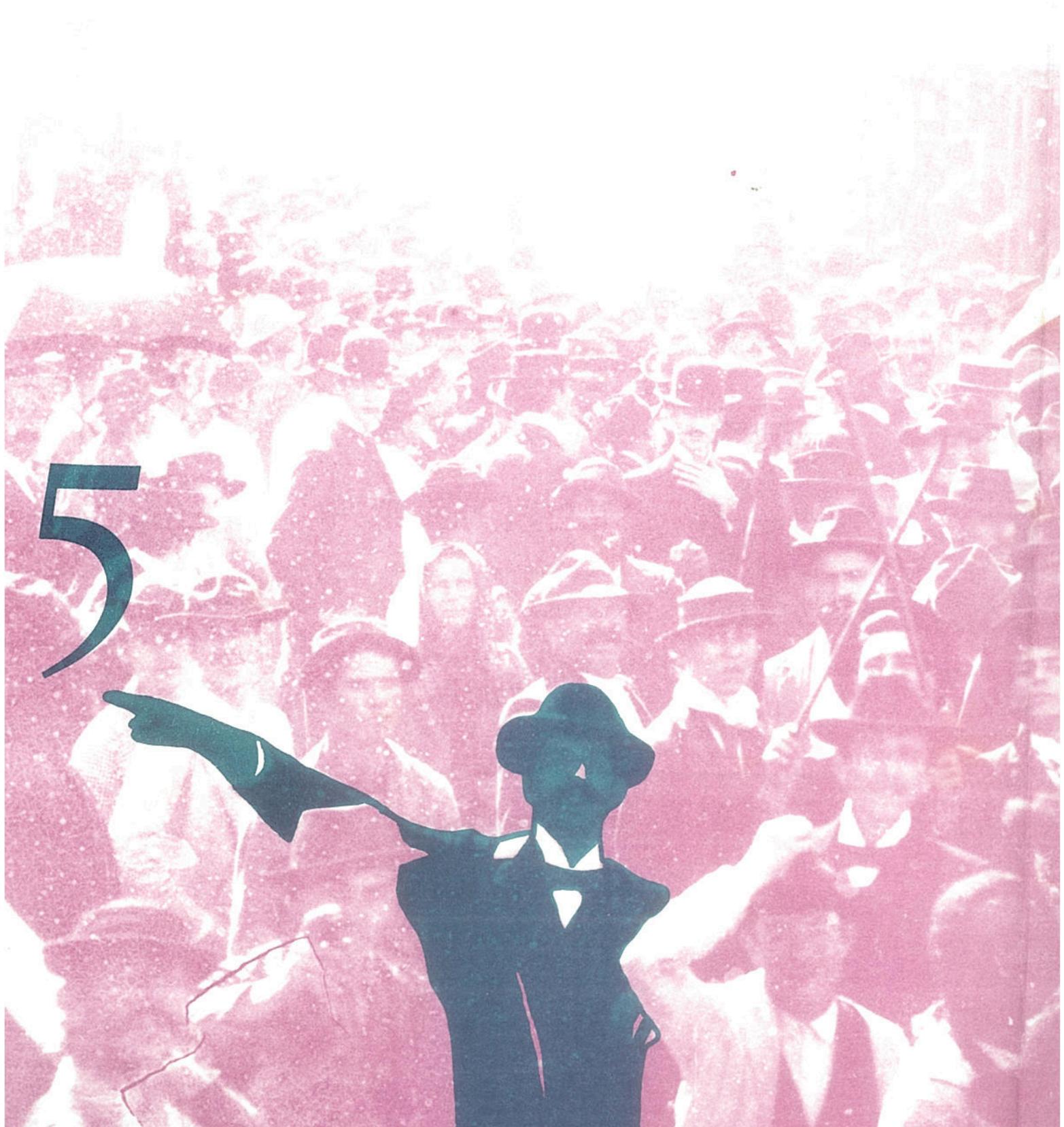
Página 4

Executivos da Light, 1900 Página 8

Preservando um marco de São Paulo Página 12



FICHA CATALOGRÁFICA  
ELETROPAULO - ELETRICIDADE DE SÃO PAULO S.A.  
BOLETIM HISTÓRICO S.P. 1986 16 p.  
ENERGIA ELÉTRICA HISTÓRICO  
CDU 621.31.93



5

# 1 APRESENTAÇÃO

*“Estudar a história da Light é, de certa forma, estudar a história econômico-social de São Paulo e do Brasil neste século.” A observação de nosso entrevistado Mário Savelli (página 16) é amplamente confirmada pelos documentos e artigos publicados nesta edição do Boletim Histórico.*

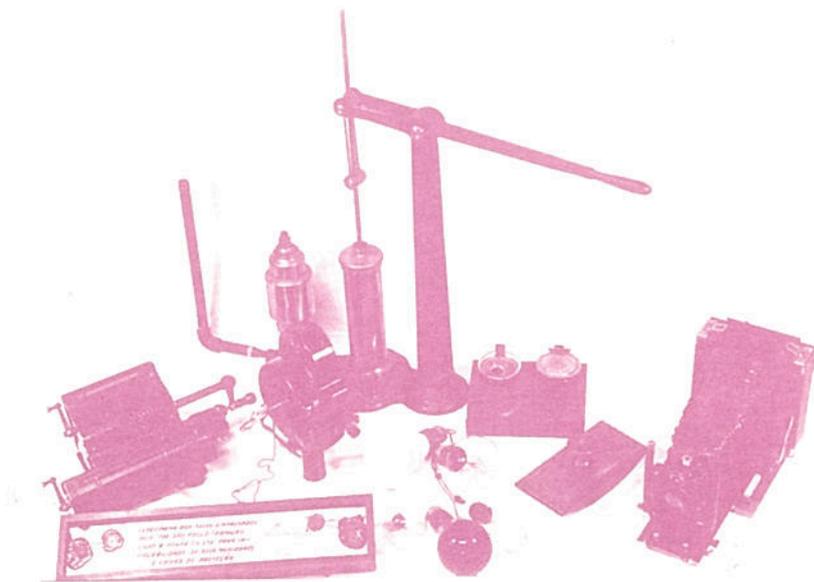
*A Light não alcançou uma posição monopolista e privilegiada em setores vitais da economia brasileira de forma pacata e, sim, através de contendas ásperas com grupos nascentes do empresariado nacional, como o de Gaffrée e Guinle (página 5). Não se pode avaliar, portanto, o impacto material e tecnológico da Light dissociado de sua contribuição para as manifestações precoces de monopolização e desnacionalização características do desenvolvimento capitalista no Brasil.*

*Empenhada em disputas tão acirradas e dependentes de concessões governamentais, a Light não podia deixar de envolver-se na vida política nacional, cada vez mais intimamente, chegando a elaborar listas de códigos secretos, zelosamente guardadas, para referir-se a personalidades e instituições brasileiras em suas correspondências e comunicações internas (página 4).*

*Mas a história da Light não se entrelaçou apenas com a da industrialização ou da atribulada política do país. A presença de seus bondes e de suas lâmpadas marcou, por exemplo, as festas e passeios da população paulistana nas primeiras décadas do século (página 12).*

*Por esses motivos o rico acervo documental, iconográfico e arquitetônico da Light, hoje incorporado ao patrimônio da Eletropaulo, desperta e mobiliza os interesses de amplos setores, justificando normas cuidadosas de preservação, como as adotadas para o Prédio Alexandre Mackenzie (página 12); ou mutirões trabalhosos, como o realizado em Pirituba para separar de milhares de documentos a ser descartados os que precisavam ser retidos por seu valor informativo (página 10); e até mesmo a invenção de máquinas engenhosas para mais rapidamente recuperar milhares de antigas e raras imagens fotográficas da capital paulista (página 15).*

*Divulgando documentos e trabalhos como esses, ou iniciativas similares como a do museu em formação da SABESP (página 14), nosso Boletim permanece fiel aos compromissos editoriais que assumiu. E, ao ingressar em seu segundo ano de publicação, tem a alegria adicional de anunciar, para breve, o lançamento da série de cadernos História e Energia, cujos artigos mais extensos e trabalhosos permitirão retomar e aprofundar muitas das pesquisas*



### COLETA DE EQUIPAMENTOS ANTIGOS

Prosseguindo no trabalho de coleta de equipamentos antigos de interesse histórico, o Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo está recebendo de todas as áreas da empresa doações dos mais diversos maquinários de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica, além de material anteriormente utilizado nos escritórios.

O material está sendo guardado provisoriamente num galpão da companhia na rua Scuvero. Enquanto isso, a coleta de novos equipamentos prosseguirá com a colaboração de todos os setores da empresa, avançando-se na organização do acervo do futuro Museu da Energia e da Industrialização.

### OS PAULISTANOS E A REVOLUÇÃO DE 1924

*Carta do leitor Mário Pires, residente em Campinas, a propósito da matéria "A Revolução de 1924 e a Light", publicada no Boletim Histórico n.º 4:*

*"A Revolução de 1924 ficou-me indelével na memória, apesar de meus tenros 6 anos. Residia com meus pais na rua General Osório, entre Santa Efigênia e Visconde do Rio Branco, quando, na manhã do sábado, 5 de julho de 1924, fomos surpreendidos e assustadoramente sacudidos pelo zunir das granadas e o matraquear das metralhadoras! Passamos uma noite de horror e na manhã do domingo meu pai tirou da garagem da esquina de General Osório com Visconde do Rio Branco seu Ford de bigode, levando-nos para a casa de um tio, no então longínquo arrabalde da Lapa, a salvo do fogo. Poucos dias depois, um rebate falso do término da Revolução e voltamos para casa, mas, de madrugada, o bombardeio voltou mais feroz! Fugimos, então, como a maioria dos paulistanos, para Campinas, na casa de família amiga de meu pai.*

*Quando a Revolução terminou, a 27 de julho, ao regressarmos à desventurada São Paulo, que desolação, as ruas com os paralelepípedos arrancados para trincheiras, postes caídos e casas picotadas de balas ou destruídas!*

*Esse número do Boletim, com o seu texto e as fotos inéditas da Revolução, muito me emocionaram e ficarão no meu*

### SEMINÁRIOS E ENCONTROS

• Seminário sobre Preservação de Acervos Documentais Privados, de 7 a 9 de novembro de 1985, em Cuiabá, Mato Grosso, promovido pela Fundação Pró-Memória, vinculada à Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — SPHAN, do Ministério da Cultura;

• Ciclo de Palestras sobre Arquivos Públicos e Privados, de 21 a 22 de novembro de 1985, em Brasília, promovido pela Secretaria de Educação e Cultura e Arquivo Público do Distrito Federal;

• Seminário sobre Tabelas de Temporalidade para Retenção de Documentos, em 26 de novembro de 1985, em São Paulo, promovido pela Fundação do Desenvolvimento Administrativo - FUNDAP;

• Seminário "CESP conta sua história", de 2 a 6 de dezembro de 1985, em São Paulo, promovido pela Companhia Energética de São Paulo - CESP, em comemoração a seu 19.º aniversário.

• "Seminário Regional sobre la Responsabilidad de las Presentes Generaciones con respecto a las Futuras en el Campo del Habitat y el Medio Ambiente", de 9 a 12 de dezembro de 1985, em Buenos Aires, Argentina, sob o patrocínio da Divisão de Assentamentos Humanos e Meio Ambiente Sócio-Cultural da UNESCO, em colaboração com o Programa Buenos Aires da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais — FLACSO, tendo sido debatido, entre outros, o tema "Meio Ambiente e Memória Coletiva: Integração de Políticas Preservacionistas".

• O Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo participou desses seminários e encontros, apresentando comunicações e trocando experiências.

• Funcionários do Departamento estiveram presentes também na Assembléia de Fundação do Núcleo Paulista da Associação dos Arquivistas do Brasil, realizada no dia 10 de dezembro de 1985, sob a



Oswaldo Correa, "crack" campeão da Light em 1928.

## O PRIMEIRO JOGO DE FOOTBALL ILUMINADO

Na noite de 24 de junho de 1923, uma equipe de funcionários da Light entrou em campo para disputar com um time local, sob a luz de vinte refletores e dez projetores, a primeira partida de futebol artificialmente iluminada. Novos jogos seriam realizados na véspera de Natal do mesmo ano e nas noites de 12 e 19 de janeiro de 1924, com grande sucesso. Após a realização das duas partidas iniciais, os organizadores tiveram a feliz idéia de pintar a bola de branco, o que melhorou bastante a visão de jogadores e torcedores.

A Light se orgulhava tanto de seu pioneirismo que, em 2 de fevereiro de 1924, o superintendente Edgard de Souza escreveu ao editor da revista norte-americana *Electrical World*, informando que "o primeiro jogo de futebol noturno disputado no mundo" não foi realizado em Lynn, no estado de Massachussets, em 21 de novembro de 1923, como a revista noticiara, mas sim em São Paulo, alguns meses antes, numa festiva noite de São João.

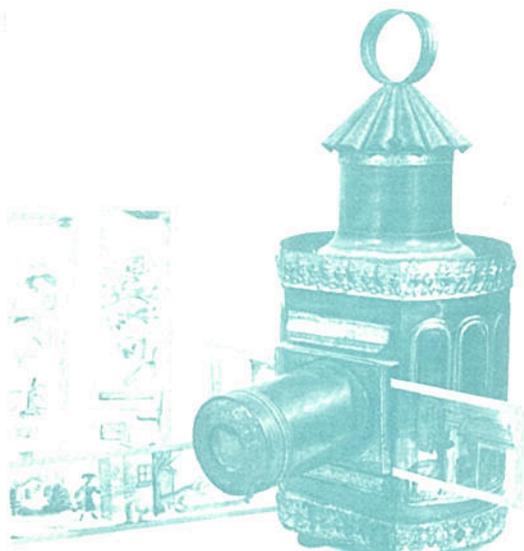
Em 1953, foi a vez de a *Revista GE* equivocarse registrando que a primeira partida noturna de futebol no Brasil tinha sido realizada em 28 de março de 1928 no estádio do Clube de Regatas Vasco da Gama, no Rio de Janeiro. Imediatamente um leitor paulista, Fernando A. Azevedo, escreveu para a revista insistindo que o primeiro jogo noturno no Brasil e no mundo fora disputado em junho de 1923, "com uma instalação usando equipamento GE, num campo esportivo situado num terreno da Companhia São Paulo Light à rua Glicério em São Paulo, promovido pela Sociedade Esportiva Linhas e Cabos, associação essa que congregava funcionários da Companhia sob a orientação e iniciativa do Sr. Severino Gragnani, já falecido". O time adversário, acrescentava o leitor, fora a Associação Atlética República.

A *Revista GE*, em seu número de janeiro de 1954, procedeu como a *Electrical World* alguns anos antes: reconheceu o erro e corrigiu a notícia.

O Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo agradece às seguintes pessoas que têm colaborado com os esforços de reconstituição da história da empresa: Carlos Hugo Costa, Celeste Aparecida Oliveira Rojas, Eduardo Kazuaki Magani, Germano J. Amadio, Henrique Wacksman, Herminio Castilho Carmagnani, João Newton Garzi Ortiz, Paulo Armando Franzolin, Roberto Luiz Stamm, Roberto Saito e, de forma especial, a Oswaldo Souza Quintas, Moacyr Capellari e sua equipe da Usina Piratininga pelo trabalho de restauração de antigos equipamentos doados para a formação do acervo.

## PARTICIPANDO DA HISTÓRIA

### CÂMARA LUZ CINEMA



A exposição "A Luz no Cinema" foi apresentada em São Paulo de 17 de outubro a 3 de novembro de 1985, como evento paralelo à 9ª Mostra Internacional de Cinema sob o patrocínio conjunto da Eletropaulo, da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, da Cinemateca Brasileira e do Centro de Lazer Sesc Pompéia.

Além de fotos, reproduções, documentos, objetos e aparelhos, a mostra apresentou também projeções fixas, ambientações cenográficas e demonstrações de sombras. E foi complementada por uma série de exibições de filmes característicos de momentos marcantes da história dessa arte do século XX, que tem no jogo de luz e sombra um elemento decisivo e que representa com sua magia um dos frutos mais populares da revolução tecnológica da eletricidade.

FILIAÇÃO A  
 CABLE AND WIRELESS LIMITED  
 EM LIGAÇÃO COM A WESTERN UNION PARA A AMÉRICA DO NORTE



Nº	TAXA
RESERVADO PARA INDICAÇÕES DE SERVIÇO	19
PALAVRAS	HORA
INDICAÇÕES	

**A Light usava códigos secretos para referir-se a personalidades e instituições em sua correspondência**

A São Paulo Light pode ter sido uma das primeiras empresas, no Brasil, a valer-se de uma linguagem codificada em suas cartas e telegramas. A prática, iniciada como uma forma engenhosa de economizar na expedição de telegramas, logo se revelaria útil também para resguardar os segredos comerciais da companhia. E como, pela própria condição de empresa concessionária de serviço público, a Light era levada a urdir uma trama cada vez mais ampla de relações políticas, os códigos passaram a ser empregados também para manter em sigilo seus entendimentos e avaliações de personalidades e órgãos públicos.

Através do álbum da correspondência de Alexander Mackenzie nos primeiros anos deste século ou de despachos internos estritamente confidenciais já na década de 40, observa-se a existência de dois tipos de códigos: o de palavras muito esquisitas como "Kreuzwoche" para designar a Câmara Municipal, ou "Kreuzvipier" para nomear os concorrentes Guinle & Co.; e os códigos em números.

Os primeiros códigos utilizavam preferencialmente palavras estranhas, mas a complexidade deste arsenal defensivo implicava na criação de um verdadeiro e cada vez mais complexo sistema lingüístico. Por isso, a companhia acabou optando, nas décadas de 30 e 40, por um sistema em números, mais simples, chegando a organizar uma série completa de índices de códigos: "Staff Numerical Order", "Staff-Alfabetical by Co.", "Newspaper" etc.

Foram poucos os nomes expressivos que escaparam das listagens zelosamente montadas pela Light ano após ano. Líderes políticos da época, como Getúlio Vargas, Francisco de Campos, Vicente Rao, Filinto Müller; diretores de jornais, como Assis Chateaubriand; industriais destacados, como Roberto Simonsen — todos recebiam nome ou número nos códigos secretos da Light.

Sempre que um novo órgão surgia ou uma personalidade jovem começava a sobressair-se, logo um memorando da alta diretoria da Light recomendava sua inclusão nas listagens. Assim, quando o general Flores da Cunha foi nomeado interventor no Rio Grande do Sul, entrou para os códigos da Light com o número "029". Fundado o Conselho de Defesa Nacional, recebeu o codinúmero "033". Quando o coronel João Alberto assumiu em 1940 a presidência da Comissão encarregada de regulamentar o artigo 147 da Constituição (relativo à fiscalização e revisão das tarifas de serviços públicos explorados por concessão), imediatamente foi incluído nas listas da companhia sob o número "137". E quando o presidente do Supremo Tribunal Federal, José Linhares, ocupou temporariamente a presidência da República em 1945, logo passou a ser referido na correspondência reservada da empresa como o cidadão "259" ou "twofivenine".

Somente a alta cúpula da Light — em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Toronto — tinha acesso aos códigos. Internamente, a troca de memorandos confidenciais percorria o caminho entre a Diretoria e o Departamento de Pessoal, no qual funcionários especialmente designados e de grande confiança eram incumbidos de guardar e atualizar os códigos e traduzir cartas e telegramas. Embora não fosse brasileira, a Light demonstrava guiar-se pela astúcia do velho ditado: "Seguro morreu de velho".

**OS CODINOMES DA LIGHT**

26th, March 1909

*No 129*

Mr. Alexander Mackenzie  
 Rio de Janeiro

Dear Sir :-  
 In addition to the code words sent you the other day, please add the enclosed, which are also Western Union codes.

Yours truly,  
*Ernest Billings*

- Kreuzwurs - Dr. Villaboim
- Kreuzwoche - Câmara 'Municipal' de S. Paulo
- Kreuzwelle - Dr. Cândido Rodrigues
- Kreuzweg - Dr. Alfredo Pujol
- Kreuzvipier - Guinle & Co.

**THE RIO DE JANEIRO TRAMWAY, LIGHT & POWER Co., Ltd.  
 RIO DE JANEIRO  
 CONFIRMATION OF CABLEGRAM SENT.**

Sent to <u>Mr. A. W. Adams</u>	Via <u>Western</u>
Sent by <u>J. M. Bell</u>	Date Sent <u>11th November 1928</u>
Checked by <u>B. B. B.</u>	Hour Sent <u></u>

Adams  
 Dr. Trisco  
 Toronto

Telegram No. 191 of November 11th:

Add to list recently approved by Milash  
 numbers zerosixnine zerosevenfour onetwofour  
 stop

Bell

*In Billings - for name information - see with our 1928*  
*JMB*

**DESPACHO INTERNO N.º OC-8**

Private and Confidential

13 12 45

Mr. A. W. K. Billings,  
 President,  
 Rio de Janeiro.

ARO.

Dear Mr. Billings,

Special Code

Kindly note that the following names, given me by Mr. Ashlin, should be added to the copy of our Special List which is in your possession:-

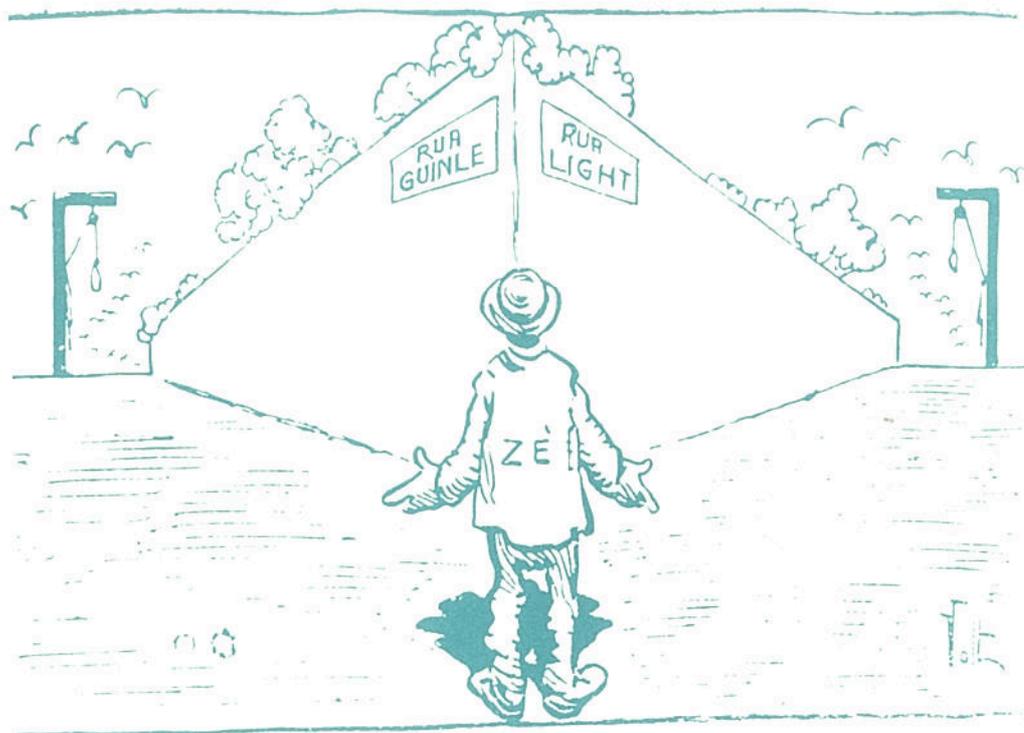
- 259 - Minister José Linhares (temporary President of Brazil)
- 260 - Desembargador Abel S. Magalhães (Interventor State of Rio de Janeiro)
- 261 - Sr. Alberto de Castro Fenezes (Director of Exchange, Bank of Brazil)
- 262 - Sr. Amílcar José de Amaral Bevilacqua (Director Imports & Exports, Bank of Brazil)
- 263 - Dr. Ernani Bittencourt Cotrim (Director Central do Brasil Rlwy.)
- 264 - Minister Filadelfo de Azevedo (Prefect Federal District)

The insertions should be made in the alphabetical and numerical sections of the List.

Yours very sincerely,

O MONOPÓLIO  
CONTESTADOA investida do grupo nacional de Gaffrée e  
Guinle contra o monopólio da Light.

## O eterno Tiradentes



O protesto de Voltolino, publicado em O Pirralho, São Paulo, 1912.

—Que luxo, meu Deus! Duas forcas!

Foram muitas as disputas em que a Light se envolveu para dobrar concorrentes e garantir seus monopólios do transporte urbano sobre trilhos e da geração e distribuição de energia elétrica em São Paulo. Uma das contendas mais acirradas foi a que movimentou a Light e o grupo de Gaffrée e Guinle entre 1909 e 1911.

Cândido Gaffrée e Eduardo Palassin Guinle, embora nascidos no Rio Grande do Sul de pais franceses, só viriam a conhecer-se no Rio de Janeiro, onde se associaram em 1871 sob a razão de Gaffrée & Guinle para abrir na rua da Quitanda uma loja de importação de modas de armarinhos denominada "Aux Tuileries". Aproveitando a situação econômica favorável da época, rapidamente se capitalizaram, passando a outras atividades.

Dedicaram-se inicialmente à construção de estradas de ferro, primeiro em Pernambuco e Alagoas na condição de subempreiteiros, posteriormente como empreiteiros em São Paulo e no Rio de Janeiro. Em 1888, tornaram-se concessionários do porto de Santos, constituindo para esta finalidade a empresa Gaffrée, Guinle & Cia., com sede no Rio de Janeiro. Em 1890, a firma elevaria o capital e mudaria o nome para Empresa das Obras dos Melhoramentos do Porto de Santos. Em 1892, seria reorganizada como sociedade anônima, adotando a designação definitiva e consagrada de Companhia Docas de Santos.

Gaffrée e Guinle realizaram em Santos sua obra mais importante construindo sob a direção do brasileiro Guilherme Weinschenk o primeiro porto nacional em condições de receber navios de grande porte. A esse respeito, Hélio Lobo escreveu em 1935: "Quando São Paulo mal era o que veio a ser depois, três homens lhe anteviram os destinos fazendo sua ligação com o mundo. Irineu Evangelista de Souza construiu a São Paulo Railway, vencendo a serra. Cândido Gaffrée e Eduardo P. Guinle completaram a obra, fazendo o porto"<sup>1</sup>.

A participação de Gaffrée e Guinle na construção de estradas de ferro e na melhoria e operação do porto Santos despertou a atenção dos arrojados empresários para as potencialidades da energia elétrica, levando-os a fazer investimentos significativos no setor, exemplificados pela construção da usina de Piabanha em Alberto Torres, no Rio de Janeiro; pelo aproveitamento de uma queda no rio Paraguaçu, na Bahia, para o fornecimento de energia a Santo Amaro, São Félix, Cachoeira e Salvador; e pela aquisição da cachoeira de Itapanhaú e construção da usina de Itatinga, em São Paulo. Essas obras foram posteriormente incorporadas ao patrimônio da Companhia Brasileira de Energia Elétrica, fundada por Gaffrée e Guinle em 1909, no Rio de Janeiro, exclusivamente com acionistas brasileiros, entre os quais o conhecido industrial paulista Jorge Street.

A princípio, Gaffrée e Guinle mantiveram relações de negócios amistosas com a Light, conforme se pode verificar pela correspondência de Alexander Mackenzie com o escritório de despachos de Guinle no Rio de Janeiro entre 1904 e 1905.

Gaffrée e Guinle eram também amigos do jovem engenheiro norte-americano James Mitchell, um dos introdutores da eletricidade no Brasil, ligado à Light desde o começo.<sup>2</sup> Em 1892, Mitchell e Adolph Aschoff — que tinha feito seus estudos na Escola Politécnica do Rio de Janeiro — foram os engenheiros responsáveis pela implantação da primeira linha de bondes elétricos do Rio de Janeiro pertencente à Companhia Ferro-Carril do Jardim Botânico. Em 1893, Mitchell assumiu a representação da General Electric Co. no Brasil, tornando-se o principal fornecedor de equipamentos elétricos do Rio de Janeiro e depois em São Paulo. Nessa condição, Mitchell ajudou Frederick Pearson a manter os entendimentos que acabaram resultando na criação da São Paulo Light, de que se tornaria superintendente geral em 1902, em substituição a Robert Brown.

Com esses vínculos, os negócios de Mitchell só podiam prosperar e já em 1899 ele constituía a firma James Mitchell & Co., com sede em Nova York, para onde se transferiria em 1907. Com a sua retirada, seu antigo sócio Adolph Aschoff estabeleceu uma nova sociedade com Guinle, criando a companhia Aschoff & Guinle.

## Desafiando o Monopólio

Apesar desses antecedentes favoráveis, as relações entre a Light e o grupo de Gaffrée e Guinle começaram a estremecer com a criação da Rio Light em 1904. Gaffrée e Guinle estavam se preparando para fornecer energia elétrica à capital e se sentiram golpeados com a iniciativa.

Novos atritos surgiram com as pressões do financista norte-americano Percival Farquhar para assumir o controle da Companhia Docas de Santos, como já havia feito com outros portos importantes do país. A São Paulo Light, a que Farquhar estava vinculado desde as primeiras articulações de Pearson, contribuiu para as pressões iniciando uma ação contra a Companhia Docas para questionar seu direito à cobrança de taxas de capatazia.

A conexão entre os fatos era clara para a imprensa da época: "A Light não quer pagar capatazias, antes desejava reaver as que pagou durante doze anos; por isso recorre do governo para os tribunais. Mas... é para este *mas* que desejamos que voltem suas vistas o Governo e a dignidade deste povo. A Light, esse mesmo sr. Farquhar, esse mesmo sr. Legru, esse mesmo grupo de financeiros sacudidos para estas bandas do Atlântico, obtiveram o porto do Pará e outros portos sob o mesmo regime das Docas de Santos com direitos às mesmas taxas e às mesmas capatazias. Aplique o governo ao porto do Pará as theories do grupo Farquhar sobre as capatazias em Santos."<sup>3</sup>

# 6 DOCUMENTOS

O ponto de inflexão no relacionamento entre os dois grupos pode ter sido, porém, a tentativa da Companhia Docas de Santos de vender em São Paulo a energia excedente de sua usina de Itatinga, construída em 1906 para atender as necessidades do porto.

Uma acesa disputa tomou forma gradativamente. Em 1907, a firma Guinle & Co., sucessora de Aschoff & Guinle, assinava um contrato com a Repartição de Águas de São Paulo para o fornecimento de 300 HP à Estação de Bombeamento. Do Rio, Mackenzie escreve ao superintendente da São Paulo Light, alertando-o para o precedente perigoso e fazendo esta expressiva recomendação: "Se a matéria não está irremediavelmente perdida para nós, devemos usar toda a nossa influência junto ao Governo para evitar que o contrato seja fechado definitivamente."<sup>3</sup>

Uma semana depois, Mackenzie insiste com os diretores da São Paulo Light que procurem o governador e o prefeito para "por um ponto final nos planos de Guinle & Co." E recomenda que façam todos os esforços para garantir a concessão do fornecimento de eletricidade no município de São Bernardo a fim de criar uma nova dificuldade para a ligação entre Santos e São Paulo pretendida por Guinle<sup>5</sup>.

No entanto, Guinle & Co. resistem e em 1908 conseguem a representação da GE no Brasil. Ainda em 1908 obtêm do governo federal um decreto de autorização da construção de uma linha transmissora de Itapanhaú, onde pretendiam levantar uma nova usina, até São Paulo. Finalmente, em 5 de fevereiro de 1909, a Companhia Docas solicita à prefeitura de São Paulo autorização para vender na capital o excesso de energia da usina de Itatinga.

O preço da tarifa oferecido era extremamente conveniente e o prefeito Antônio Prado defere o pedido, não entendendo a concessão da Light como exclusiva e sim válida apenas para os lugares já ocupados pela companhia. Imediatamente a Light sai a campo e acende uma inflamada polêmica sobre o significado exato de "lugares ocupados". Curiosamente, no começo do século, quando estava empenhada em liquidar a Companhia Viação Paulista, a Light havia defendido uma interpretação restritiva da expressão legal, sustentando que os privilégios da viação só diziam respeito às linhas já assentadas<sup>6</sup>. Agora, inversamente, a Light advoga a interpretação ampliada, entendendo que a exclusividade de sua concessão era extensiva a toda a cidade.

A Câmara Municipal é chamada a se pronunciar e, em 29 de abril, aprova a lei nº 1210, interpretando os "lugares ocupados" em sentido favorável à Light. Apoiado na interpretação da Câmara, o prefeito revoga a autorização concedida a Gaffrée e Guinle que, no entanto, não se conformam e solicitam novo pronunciamento da Câmara.

Em 22 de maio, a Câmara volta atrás e concorda com Gaffrée e Guinle que a expressão "lugares ocupados" se referia apenas às ruas e praças em que já estivessem instaladas luz e força. O prefeito, contudo, para surpresa de Gaffrée e Guinle, mantém a revogação da autorização. Por trás da nova posição do prefeito havia, além das pressões de Mackenzie e seus pares, uma negociação feroz em que a Light, para não perder seu monopólio, diminuiu as tarifas de luz e força e abriu mão das tarifas diferenciadas e progressivas dos bondes.

Gaffrée e Guinle ainda voltaram à carga em 1910, pedindo autorização para construir uma subestação transformadora no bairro paulistano da Luz. A disputa se reacendeu, com a troca pública de acusações entre os dois grupos (ver transcrições na página seguinte). Por fim, Gaffrée e Guinle resignaram-se à força da Light (e da Amforp em outros estados), desistindo do setor de geração e distribuição de energia elétrica. ▶

(1) V. HÉLIO LOBO, *Docas de Santos - Suas Origens, Lutas e Realizações*, *Typ. do Jornal do Commercio, Rio, 1936*, p. 2.

(2) V. o artigo de C. J. DUNLOP, "James Mitchell", in *Revista GE*, volume 1, nº 4, Rio, julho de 1954, p. 43. O *Boletim Histórico da Eletropaulo*, nº 1, abril de 1985, p. 10, informou erradamente que J. Mitchell era inglês.

(3) *Jornal do Commercio*, 19 de outubro de 1912. Farquhar já controlava, entre outros, os portos de Belém do Pará, do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul e de Paranaguá no Paraná. V. HÉLIO LOBO, *op. cit.*, p. 389.

(4) Carta de Mackenzie a Walmsley, de 28 de setembro de 1907, pasta 37-9, acervo Eletropaulo.

(5) Carta de Mackenzie a Robert J. Clark, de 7 de outubro de 1907, pasta 37-9, acervo Eletropaulo.

(6) V. "A Primeira Batalha da Light", in *Boletim Histórico Eletropaulo*, nº 2, junho de 1985, pp. 5-7.

# GUINLE vs. THAIJ

## LIGHT vs. EJMIUO

### O ATAQUE DA LIGHT

*Trecho do memorial encaminhado pela The São Paulo Tramway, Light & Power Co. Ltd. ao Secretário da Agricultura do Estado de São Paulo, Antônio de Pádua Salles, em 20 de março de 1911:*

"A Companhia B. de Energia Eléctrica, fiel ao seu programa de guerrar as empresas Canadenses, no Brazil, tanto a Rio-Light como a São Paulo-Light, acaba de apresentar ao Governo do Estado uma proposta aparentemente tentadora, mas, de facto, inviável para fornecer a energia eléctrica de que o Governo venha a precisar para os melhoramentos desta Capital, ao preço de 40 rs. o kilowatt-hora, qualquer que seja o emprego, inclusive a iluminação pública.

Em primeiro lugar, Exmo. Snr., a Companhia Brasileira de Energia Eléctrica não dispõe de instalação alguma hydro-eléctrica em condições de servir esta Capital.

A cachoeira de Itapanhaú, que dizem possuir, e para a qual existe concessão federal de uma linha de transmissão até esta Capital, ainda está intacta como a natureza a creou, sem ter recebido até agora trabalho algum de adaptação e fins industriaes.

Portanto, Exmo. Snr. ainda quando a Companhia Brasileira de Energia Eléctrica encontrasse, desta vez caminho franco para vir hostilizar a São Paulo Light & Power, não poderia dispor de energia eléctrica, nesta Capital em menos de 2 anos; visto como, obras de captação de força hydraulica, produção e transmissão de electricidade não se fazem com a mesma presteza com que se formula uma proposta tendenciosa."

### O CONTRA-ATAQUE DE GAFFRÉE E GUINLE

*Trecho da resposta enviada ao governo paulista pela Companhia Brasileira de Energia Eléctrica e publicada em O Estado de São Paulo, em 8 de abril de 1911:*

"Resumindo: A Companhia Brasileira de Energia Eléctrica pode e vae construir as suas linhas de transmissão de energia entre os municipios de Santos e Capital, ficando habilitada dentro em pouco a fornecer ao Estado, pelo preço máximo de 40 réis o kilowatt-hora, e pelo prazo que convier ao Governo, toda a energia que fôr necessária para iluminação da cidade e dos edificios publicos. ESSE PREÇO É OITO VEZES MAIS BARATO do que aquelle pelo qual foi contractada a iluminação das Avenidas Paulista e Luiz Antonio e dos bairros da Lapa e da Penha.

Não se deixe o Governo illudir facilmente pela tremenda empresa canadense, que planejou levar de vencida esse paiz... S. Paulo é a joia do Brazil; o seu progresso é um assombro; o seu futuro descortina o dominio esplendoroso de immensas industrias tributarias fataes da hulha branca... Será profundamente lamentavel que os poderes publicos escorracem uma empresa nacional que se propõe a servir a cidade por preços infimos e sem privilegios, na lucta fecunda da concorrência, para entregal-a escravizada, indefeza aos caprichos e à descompassada cobiça da Light and Power.

Ao alto espirito de justiça de v. ex. e à incontestavel probidade da administração recommenda a Companhia Brasileira de Energia Eléctrica a sua proposta, pedindo para esse magno assumpto a melhor atenção de V. Ex. e esperando vel-o resolvido sob as inspirações do patriotismo e da clarividencia que tanto tem distinguido a fecunda administração de V. Ex."



Eduardo Guinle



Cândido Gaffrêe

1/Alypio Carlos de Borba (superintendente de Tráfego). 2/Mc Lean (fotógrafo). 3/Kearns. 4/Thoma  
7/C. Abbott (responsável pela correspondência e códigos especiais). 8/G. G. Mitchell. 9/Frederick C.  
11/T. W. Bevan (engenheiro encarregado da usina geradora de Parnaíba). 12/Arthur Normanton (superintend  
15/Hughes. 16/John Doyle. 17/Robert C. Brown (superintendente geral). 18/Oscar Krauss (chefe do almoxar  
21/José P. Almeida (agente de compras). 22/Alexander William Mackenzie (conselheiro jurídico). 23/Wadl  
27/Harry Hartwell (engenheiro-chefe do Departamento de Construção). 28/Doe. 29/C. H. Kearney (assist



Ainda não foi possível identificar os  
carregos ou nomes completos de  
algumas pessoas que aparecem na  
foto. O Departamento de Patrimônio  
Histórico da Eletropaulo agradece  
qualquer informação adicional.  
(Foto de 1911)

es (superintendente do Material Rodante). 5/H. S. Isham (chefe da Seção de Desenho). 6/Conley.  
son (assistente do superintendente de Tráfego). 10/A. C. Gants (superintendente de Construção).  
Departamento de Eletricidade). 13/Daniel Mulqueen (tesoureiro). 14/E. C. Talbot (engenheiro assistente).  
19/L. M. Sinclair. 20/James Mitchell (representante da General Electric no Brasil e engenheiro consultor).  
4/C. B. Graves (assistente do superintendente geral). 25/C. H. Snow. 26/Ryan (controlador assistente).  
chefe do Departamento de Construção). 30/Grant Dufresne (chefe do Departamento de Contabilidade).



Prembrandt  
Rio rep.

## DESCARTE EM PIRITUBA

Naquela manhã de outubro passado, no depósito de documentos da subestação de Pirituba, em São Paulo, maior do que a poeira só mesmo o entusiasmo dos técnicos e estagiários do Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo que iniciavam a primeira de uma série de "operações de descarte", destinadas a selecionar, de milhares de documentos liberados para incineração, os que serão retidos por seu valor de informação histórica.

A maior parte das coleções de documentos de valor histórico existentes nas empresas e instituições brasileiras não se formou em decorrência de um trabalho sistemático e rotineiro de avaliação e seleção. A simples acumulação espontânea em depósitos de arquivos, ou a separação aleatória de documentos considerados "vencidos" de outros tidos por "valiosos", foram os critérios mais comuns de sua conservação e guarda.

Não é por outra razão que se encontra grande dificuldade em pesquisar a história das empresas e instituições brasileiras. Essa área de investigação, bem como sua conexão com os estudos de história econômica e ciência política no Brasil, certamente tomará impulso considerável com a preservação das informações gerenciais e da memória técnica e institucional das empresas existentes no país.

No caso da Eletropaulo, em 22 de fevereiro de 1985, memorando do vice-presidente executivo Sérgio Motta condicionou a reforma de imóveis e a destruição de documentos anteriores a 1975 a parecer escrito do Departamento de Patrimônio Histórico, órgão subordinado à Superintendência de Comunicação. Assegurava-se, dessa forma, o pleno cumprimento do compromisso assumido pela empresa de preservar seu patrimônio arquitetônico e documental, em grande parte oriundo da antiga Light. Trata-se de um caso raro, senão único, de uma empresa que instituiu, em sua prática administrativa, a avaliação sistemática da produção documental com a finalidade de constituir um acervo histórico definido a partir do valor informativo e não puramente probatório de seus registros documentais.

Em outubro passado, a Divisão de Retenção e Recuperação de Documentos do Departamento de Documentação da Eletropaulo destinou para descarte 25 séries documentais, correspondentes a aproximadamente 500 metros lineares de prateleiras de documentos. Os prazos de retenção desses documentos, estabelecidos anteriormente pelos próprios órgãos que os tinha produzido, estavam vencidos. Antes de sua destruição, a Divisão de Retenção e Recuperação, seguindo a nova orientação da empresa, solicitou o parecer do Departamento de Patrimônio Histórico.

Foi então que sete membros da equipe técnica e cinco estagiários do Departamento, com o fundamental apoio de funcionários da Divisão de Retenção e Recuperação, deslocaram-se em mutirão para a subestação de Pirituba, que abriga um dos três depósitos de documentos da empresa<sup>1</sup>.

A cada série documental correspondiam aproximadamente 600 pastas, cada uma com 200 documentos, em média. O maior volume era de documentos produzidos entre 1940 e 1960, embora as datas-limite fossem 1920 e 1980. Procediam principalmente dos seguintes órgãos ou setores da empresa (com os nomes que recebiam na época de produção dos documentos): Departamento Jurídico, COBAST - Serviços de Engenharia, Superintendência e Departamento Comercial, Departamento de Relações Públicas, Contabilidade Geral, Pessoal, Recursos Humanos, Receita e Processamento de Dados, Orçamentos, Engenharia e Procuradoria de Concessões e Desapropriações.

Após o trabalho braçal de separação física das séries documentais, a primeira etapa da operação consistiu em proceder a uma avaliação sumária de cada série, com base numa amostragem dos documentos e nas listagens de controle de entrada produzidas pela Divisão de Retenção e Recuperação. Essas listagens contêm, de modo geral, as seguintes informações: tipo de acondicionamento dos documentos (pastas, caixas, pacotes etc.), assunto geral, procedência, data e período de retenção.

O recurso a essas listagens permitiu fazer a análise com base numa visão global de cada série e não apenas no exame dos documentos atualmente destinados a descarte. Depois de 20 dias de intenso trabalho, o volume inicial de documentos foi reduzido em 80%.

A segunda etapa da operação será iniciada em março de 1986, quando serão analisadas detalhadamente as séries e subséries selecionadas. Prevê-se que, após essa análise, serão destinados à guarda permanente cerca de 5 a 10% do total geral dos

## CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

Alguns critérios de avaliação e seleção evidenciaram-se desde o início da caracterização das séries. Eis alguns exemplos dos critérios adotados para decidir a guarda permanente de certos dossiês ou séries documentais:

Dossiês que, embora contenham documentos cujos originais ou cópias se encontram espalhados por diversos órgãos da empresa, representam o único exemplar que apresenta esses documentos de forma agrupada, reconstituindo o processo inteiro de condução de determinados assuntos. São comuns, nesse caso, certos processos do Departamento Jurídico, pareceres e especificações sobre construções de prédios e usinas, compras de equipamentos, litígios de terras, impostos de importação;

Dossiês ou documentos avulsos que registram informações sobre grandes obras de engenharia e sobre alterações do meio ambiente realizadas em função de obras de eletrificação. Como exemplo, pode-se citar a série que recupera, com riqueza de detalhes, as obras de canalização do rio Pinheiros, incluindo a descrição de alojamentos, fotografias e especificações de custos;

Séries que reconstituem os diversos posicionamentos da empresa em face de questões sociais relevantes, como a prevenção de acidentes do trabalho, uma das preocupações da empresa desde sua implantação no Brasil.

Da análise decorreram também alguns critérios para descartar certas séries documentais, como:

Séries caracterizadas por dados quantitativos extremamente detalhados, cujas informações básicas se encontram em outros documentos de retrospecto ou de síntese daqueles dados. Por exemplo, diários de lançamentos, anúncios sobre cortes de fornecimento de luz, relatórios diários do Centro de Operação do Sistema, gráficos de registradores;

Séries constituídas por documentos repetitivos, que pela própria natureza prestam sempre as mesmas informações, alterando apenas dados secundários. Por exemplo: especificações enviadas à empresa de pagamentos de contas de luz recebidos por diversos bancos, faturamentos de contas de luz, registro de vales aprovados, bilhetes de refeição em restaurantes;

Séries cujos documentos podem ser produzidos novamente e em prazo breve por computador, como listagens de fornecedores e usuários.

A "operação de descarte" em Pirituba, ainda em andamento, representa a primeira experiência do recém-criado Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo na avaliação e seleção de documentos. Por isso é patente a necessidade de que seus critérios e métodos possam ser comparados aos de outros grupos de trabalho — como os do Ministério da Agricultura e da Câmara de Deputados — que estão realizando experiências análogas.

É importante também que historiadores, pesquisadores e outros especialistas afins possam contribuir para o amadurecimento desse trabalho, pois a história que será escrita no futuro dependerá em grande medida das fontes documentais que estão sendo agora selecionadas.

Uma coisa é certa: a preservação das fontes documentais da história nacional depende também da redução dos volumes e das grandes massas documentais dos arquivos brasileiros. Guardar pilhas de documentos sem triagem, sem qualquer organização e sem condições mínimas de acondicionamento físico pode ser tão danoso para a memória nacional quanto a sua destruição indiscriminada, pois o acesso intelectual a informações assim amontoadas é completamente aleatório, quando não impossível. No final das contas, para a verdadeira ciência histórica, tão perigosa quanto a leviandade de não guardar nada é a inviável pretensão de guardar tudo.

(1) Participaram pelo Departamento de Patrimônio Histórico: Célia Camargo (coordenação), Dirce Mendes (supervisão), mais as pesquisadoras Giselle Beiguelman, Heloisa B. Silva, Marganda C. Gordinho, Maria Luísa D. Paschkes, Nívia Faria e os estagiários Cristina Murachco, João M. Rodrigues Neto, Kátia Martinez, Paulo Arruda e Sílvia Dikszejn. Pelo Departamento de Documentação: [nomes não legíveis]



A laboriosa ciência de jogar fora o dispensável para guardar o essencial



## UM MARCO DA CAPITAL PAULISTA

*Novas decisões sobre o Prédio Alexandre Mackenzie reforçam a política de conservação do patrimônio arquitetônico da Eletropaulo*

Entrou em vigor no dia 9 de janeiro de 1986 uma Instrução Normativa assinada pelo vice-presidente executivo da Eletropaulo, Sérgio Motta, regulamentando “as reformas que impliquem alterações nos espaços internos ou volumétricos e fachadas do Prédio Alexandre Mackenzie”. A Instrução determina que sejam mantidos íntegros os espaços de uso comum e a forma original dos equipamentos e prevê os procedimentos a serem observados quando forem necessárias alterações nos espaços internos dos escritórios.

O Prédio Alexandre Mackenzie, que abriga atualmente o escritório central da Eletropaulo, situa-se no centro histórico da capital paulista e está intimamente associado à imagem da antiga Light que o construiu para ser sua sede. O projeto elaborado pelos arquitetos norte-americanos Preston e Curtis foi desenvolvido e executado pelo Escritório Técnico Ramos de Azevedo e posteriormente pela firma Severo e Villares S.A. A obra desenvolveu-se em duas fases: a primeira de 1925 a 1929 e a segunda, com acréscimo da área construída, de 1939 a 1941.

A denominação do edifício foi uma homenagem a Sir Alexandre Mackenzie, um dos criadores do Grupo Light. Nascido no Canadá em 1860, formou-se em advocacia, tendo exercido essa atividade em Toronto até 1899, quando veio para o Brasil como representante e consultor jurídico da São Paulo Railway (depois Tramway) Light and Power Co. Ltd. Três anos depois seria escolhido vice-presidente das companhias do Grupo Light e, a partir de 1914, seu presidente, cargo em que permaneceu até 1928, quando, acometido de uma enfermidade, se exonerou da direção ativa do Grupo, continuando porém a exercer seu trabalho de consultor. Faleceu em 16 de julho de 1943, no Canadá.

O edifício caracteriza-se arquitetonicamente como uma manifestação neoclássica tardia. Em meio ao ecletismo dominante no cenário paulistano, compõem ao edifício, através de “colagem” criteriosa, elementos semânticos da arquitetura clássica de várias épocas. Este fato era comum na arquitetura americana, embora representasse na década de 20 uma manifestação tardia, pois já vigiam estilos modernos nos Estados Unidos e na Europa. O construtor Ramos de Azevedo, responsável pelo maior escritório da época, esmerou-se nos acabamentos com o apoio operacional do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo.

O Prédio Alexandre Mackenzie foi tombado em 6 de outubro de 1984 pelo CONDEPHAAT — Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo. Para reforçar essa decisão e cumprir o compromisso de preservar o patrimônio arquitetônico e documental da Light, a direção da Eletropaulo aprovou a mencionada Instrução Normativa, determinando que sejam “mantidos íntegros os espaços de uso comum: hall dos elevadores, escadaria, saguões de acesso aos corredores, sanitários e respectivas ante-salas, áreas de ventilação, terraços, enfim, todas as dependências que complementam as áreas de escritório”.

A Instrução prescreve também o resguardo aos acabamentos originais das áreas de acesso, tais como: pisos de granito, mármore, pastilhas, tijolos de vidro; corrimãos da escadaria em bronze e latão; paredes de granito, mármore, azulejos; forros, lambris e clarabóias de vidros decorados. Na eventualidade de quebra ou dano destes acabamentos, a Instrução prevê que “os materiais a serem substituídos devem ser similares, observando-se a adequação de cores e texturas”.

A Instrução regulamenta ainda os procedimentos a serem observados pelos vários departamentos envolvidos na manutenção de equipamentos originais ou nas alterações de espaços internos dos escritórios, destacando a competência da Superintendência de Comunicação para, através de seu Departamento de Patrimônio Histórico, “analisar e aprovar projetos e/ou lay-outs de reformas”, à luz da legislação do CONDEPHAAT.

Todas essas providências acauteladoras se justificam porque o Prédio Alexandre Mackenzie, por sua importância histórica e arquitetônica, constitui uma obra íntegra, cuja unidade deve ser preservada, inclusive por ser uma importante referência no patrimônio ambiental do Vale do Anhangabaú, onde faz contraponto com o Teatro Municipal e tem como complemento o Viaduto do Chá. Três marcos da São Paulo do café e das indústrias.



**DOMINGO  
NO PARQUE**

As feiras de lâmpadas e os bondes especiais da Light eram presença indispensável nos festejos e solenidades de São Paulo no começo do século

De uma coisa não pode ter dúvida quem folheia as coleções de jornais paulistas dos primeiros anos do século XX e lê com atenção os anúncios: a Light participava ativamente da vida da cidade, ou transportando a população para o trabalho, ou colocando em circulação bondes especiais a preços reduzidos, sempre que alguma festa popular ou evento importante tornava isso necessário.

A luz elétrica era um valorizado símbolo de progresso e os visitantes notáveis da cidade costumavam ser recebidos com profusão de luzes. E já que a iluminação elétrica representava uma novidade para muita gente, não faltavam os anúncios da Light convidando a população a assistir ao inusitado espetáculo.

Numa época de precários meios de transporte, os bondes da Light eram indispensáveis, quer se tratasse dos passeios promovidos pelos italianos nas segundas-feiras de Páscoa, as famosas "Pasquellas", quer das visitas de fim de semana ao Parque Antártica ou ao Bosque da Saúde, locais próprios para piqueniques e recreações de adultos e crianças.

A influência dos imigrantes na cidade era enorme e as orquestras e bandas de música que se apresentavam nessas ocasiões não podiam deixar de incluir em seus repertórios peças italianas e alemãs, embora sempre reservassem o pequeno espaço do brasileiro Carlos Gomes.

Para as crianças eram organizadas festas especiais, com corridas de bicicletas e distribuição de prêmios.

A Light, para atrair público e lotar seus bondes, chegava a patrocinar espetáculos de lutas romanas ou apresentações como a do "Homem de Aço" com o sr. Alypio de Borba, assistente da Superintendência, assinou em 12 de fevereiro de 1908 um curioso contrato, hoje incorporado ao acervo da Eletropaulo:

"Fica combinado entre a Companhia Light & Power e o Sr. Fournier o seguinte:

A Companhia pagará ao Sr. Fournier a quantia de Rs. 200\$000 desde que o mesmo Sr. execute o programa estipulado para domingo próximo no Bosque da Saúde, que é o seguinte:

O Sr. Fournier compromete-se a fazer executar duas lutas romanas e a fazer quebrar a golpes de marretas uma pedra de 800 kilos, mais ou menos, sobre o seu corpo.

Nada pagará a Companhia se isto não for executado."

Ao pé do contrato, o "Homem de Aço" francês escreveu: "Vu et approuvé". E assinou: "A. Fournier".

12 de Maio de 1907

**HOJE HOJE  
PARQUE ANTARCTICA  
Five o'clock tea**

**Bondes—200 rs. ida e volta para crianças até 12 anos,**

**Redução de 50 por cento em todos os divertimentos ultimamente inaugurados.**

**CORR. PAULISTANO  
16 de Dez. de 907**

**Parque Antartica  
QUARTA-FEIRA, 18  
FESTA DAS  
CRIANÇAS**

**MUSICA — Muitos divertimentos com redução de 50 oço nos preços.**

**Passagem de bonde, para as crianças, 200 réis IDA E VOLTA.**

XXX "La Tribuna Italiana" - 30 de Março de 1907 - XXXX

**Lunedì di Pasqua**

**LO SPLENDIDO**

**BOSQUE DA SAUDE**  
sarà libero al pubblico per "pick-nick" dalle 7 ant. alle 7 pom.

**TRENI DIRETTI DA VILLA MARIANNA**  
ogni 14 minuti

Il bosco può contenere tutta la colonia italiana di S. Paulo  
Passeggiate deliziose nei viali pittoreschi

**ENTRATA GRATIS BANDA DI MUSICA**

Passaggi ridotti a 200 reis  
fra Villa Marianna e il BOSCO

**BOSQUE DA SAUDE**

**DOMINGO, 22, DOMINGO**

**O SALTO DA MORTE**

Um cyclista que se precipita com sua machina por um plano inclinado e faz um salto de 12 metros no ar.  
Entrada e todos os divertimentos

**GRATIS**

**COM. DE S. PAULO  
20 de Set. de 1907  
Prefeitura Municipal**

**CORR. PAULISTANO  
19 de Set. de 1907**

**XX DE SETEMBRO**

**Espera-se 20.000 pessoas no  
BOSQUE DA SAUDE**

**Pic-nics--Musica--baifes, etc., etc.**

**ILLUMINAÇÃO Á NOITE**

**Entrada e todos os divertimentos**

**GRATIS**

parar quasi que instantaneamente o carro, Manuel Ramiro, recebeu apenas um pequeno ferimentos na testa.

Do facto tomou conhecimento o dr. Eneas Ferraz, 5.º delegado do Braz.

**DOMINGO, 9**

**Bosque da Saude**

**O Balão Monstro!!**

Novo desafio entre D. OTTILIA LEONARDO, Rio-grandense e o HOMEM MACHINA!

**ENTRADA GRATIS**

**CORR. PAULISTANO  
19 de Dez. de 907  
DOMINGO, 22**

**Os soldados alpinos no  
BOSQUE DA SAUDE**

Já viram os grupos soldados alpinos que fazem a guarda do Bosque da Saude? Não quereis deliciar-vos vendo os brilhantes uniformes dos bravos soldados que desafiam os rigores dos Alpes?  
Divertimentos e entrada GRATIS.

**Parque Antartica**

**O HOMEM MACHINA**

Corrida a ser disputada entre um homem e um cavallo.

Grandes corridas entre cavallos trotando.

## DA PIPA À REPRESA

Quem quiser conhecer a história do sistema de água e esgotos da capital paulista, já pode contar com a valiosa ajuda da SANEXPO - Exposição Permanente de Saneamento Básico. Criada pela Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo, a exposição abre ao público um acervo formado por uma documentação variada, desde móveis de escritório dos tempos da Cantareira no século XIX até maquetes do atual sistema de distribuição de água, além de numerosas fotos e o próprio prédio onde foi instalada a exposição — a antiga elevatória da Ponte Pequena, construída por engenheiros ingleses em 1896.

Entre a fundação da cidade de São Paulo (1554) e o plano integrado do sistema de tratamento de esgotos (1974), muitas águas rolaram na história do saneamento paulista.

Até 1744, o abastecimento de água de São Paulo era feito pela própria população, diretamente dos rios, nascentes e poços. Neste ano, a Câmara Municipal contratou o mestre Cipriano Funtan para construir o primeiro chafariz público da cidade. A água era originária do que sobrava do reservatório dos Franciscanos e durante muito tempo o chafariz do Largo São Francisco foi o mais importante. Com o tempo os chafarizes se multiplicaram e, além de sua contribuição artística (pois muitos ostentavam construções arquitetônicas de beleza notável), deram origem a um tipo social específico: os "aguadeiros".

São Paulo era, até à época da expansão cafeeira, uma cidade pobre, com um número de proprietários de escravos bastante reduzido. As famílias que não possuíam escravos, compravam potes de água dos "aguadeiros", que se encarregavam da coleta e transporte do líquido em pipas puxadas por burros. A cada barril ou pote de água, correspondia uma marca de carvão na parede. Ao final do mês, computavam-se as marcas e a conta era paga.

A Companhia Cantareira de Águas e Esgotos, implantada por ingleses em 1877, introduziu o sistema de canalizar a água, captada na Serra da Cantareira. Ainda assim, o abastecimento continuou precário, sendo motivo de grandes debates na Câmara, na imprensa e de piadas e trovas difundidas pela população.

A situação dos esgotos era ainda mais dramática. Os cronistas registram o cheiro insuportável da cidade, pois as tinas e urinóis eram lançados porta a fora, diretamente na rua, ou carregados em lombos de escravos para ser despejados em córregos ou terrenos baldios. Não eram poucos os desagradáveis acidentes nesse curioso sistema de esgotos... Somente em 1893 seria feita a primeira coleta de esgotos para atender a 71 privilegiadíssimas residências no bairro da Luz.

Pressionado pelos protestos, o governo do Estado resolveu, em 1893, encampar a "Cantareira" e criar a Repartição de Águas e Esgotos, transferindo para a esfera pública os problemas de saneamento urbano. Dai em diante foram construídos vários reservatórios importantes (como o da Avenida Paulista), foi ampliado o reservatório da Consolação e expandida a rede de esgotos, que já contava com quase mil ligações.

Em 1903, uma seca de grandes proporções provocou crise de falta de água e o governo viu-se na urgência de ampliar o sistema de abastecimento. Foram construídos mais dois reservatórios, Taquari e Aracã, e começaram a ser estudados novos mananciais.

Apesar dessas providências, a população da cidade de São Paulo continuava crescendo e com ela o problema da falta de água. Em 1910 chega-se a uma situação de calamidade pública. Para uma necessidade superior a 100 milhões de litros por dia, dispunha-se apenas de 58 milhões. Nesse contexto, decidiu-se fazer a captação das águas do ribeirão Cotia e construir os reservatórios de Vila Mariana (1914) e Água Branca (1915).

Foi em 1925, porém, que São Paulo enfrentou a pior seca de sua história, que reduziu o volume de água captada de 156 milhões para 69 milhões de litros diários. Tomaram-se medidas de emergência, mas somente em 1927 seria adotada a solução proposta há algum tempo pelo engenheiro Teodoro Ramos: o uso das águas da represa de Guarapiranga, originalmente construída pela Light para a geração de energia.

Em 1954, com a criação do Departamento de Águas e Esgotos, o problema de saneamento básico da Capital passou a receber tratamento mais sistemático. A rede se expandiu aceleradamente. Em 1958 foram estabelecidos os padrões de potabilidade da água para o Estado e um novo e decisivo passo seria dado em 1974, com a proposta de criação do sistema integrado para tratamento de esgotos, posteriormente substituído pelo Sanegran, de custos mais altos. A polêmica acerca dos dois sistemas prosseguia em 1985, enquanto o governo Montoro procurava compatibilizar o sistema integrado com o que já havia sido construído do sistema Sanegran.

São marcos históricos como esses que podem ser apreciados por quem visitar a SANEXPO em São Paulo, na estação elevatória da Ponte Pequena, Avenida do Estado n.º 787, de 4.ª a sábado, das 15 às 17 horas.

1896 - Construído o Reservatório d'água da Avenida (Liberdade) - capacidade - 6.500.000 litros. A cidade possuía duas redes de esgotos, a antiga canalização realizada pela Companhia Cantareira na parte "nova", predomina-  
nava a rede de Santa Cecília. À esquerda da foto podemos ver a Av. Paulista.



Uma exposição permanente conta um pouco da acidentada história do abastecimento de água e coleta de esgotos em São Paulo

1881 - 17 de março eram inauguradas as obras do Sistema de Abastecimento de Água pela Cantareira. Feito pela Companhia o mapeamento da cidade de São Paulo chegam as águas da Serra da Cantareira. Catuzub e Rio Góia.



Três fotógrafos da Eletropaulo criam um sistema inteiramente novo para limpar negativos históricos com rapidez, segurança e perfeição

Como limpar rapidamente 40 mil negativos, grande parte com mais de 80 anos?

Tocados por esse desafio, os fotógrafos Carlos Gomes Pires, Carlos Sérgio da Costa Lima e Rubens Carotenuto, funcionários do Laboratório Fotográfico do Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo, desenvolveram uma máquina engenhosa que torna essa tarefa exequível em um ano, sem riscos de insalubridade para os operadores e de uma forma que preserva na matriz todas as informações visuais originais.

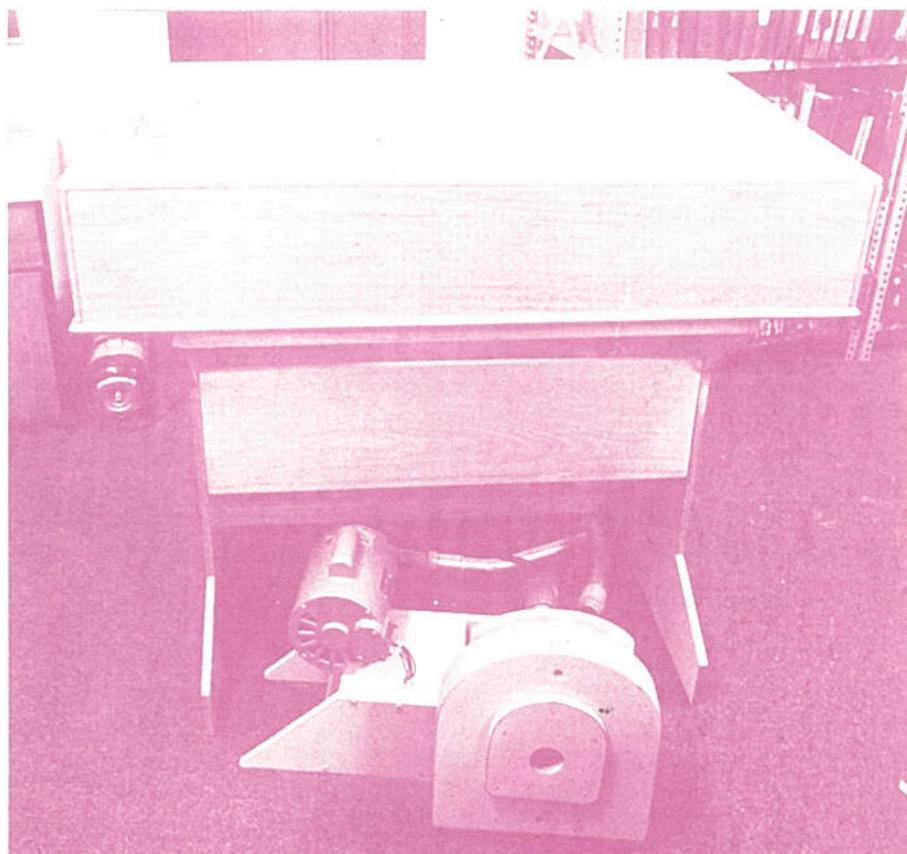
Simple de operar e bolada inteiramente pelos fotógrafos — desde a parte elétrica até o móvel que a acondiciona —, a máquina de limpar negativos é uma mesa luminosa, com dois braços que correm sobre os negativos. Presas aos braços, duas pequenas manilhas perfuradas e ligadas a uma ventoinha por uma mangueira sugam o pó, os gases e tudo o que seja estranho aos negativos.

No caso de negativos de nitrocelulose, altamente tóxicos, a máquina, além de limpá-los, absorve os gases venenosos liberados pela película, impedindo que cheguem até os operadores.

A limpeza dos negativos de nitrocelulose é feita somente para possibilitar sua reprodução em negativos de triacetato de celulose ou de poliéster, modernos materiais atóxicos. Logo em seguida à duplicação da informação, os negativos de nitrocelulose são destruídos devido à alta toxicidade e os riscos de combustão espontânea.

Os negativos de vidro, mais antigos que os de nitrocelulose, não oferecem esses riscos e por isso serão conservados. Ainda assim, serão duplicados para que o manuseio durante a consulta não afete as matrizes, reservando-se sua utilização somente para a fotolitagem de publicações.

Com a nova máquina, o Departamento de Patrimônio Histórico espera limpar o precioso acervo fotográfico da Eletropaulo em um ano



## UM ENGENHOSO INVENTO PARA LIMPAR NEGATIVOS



O engenheiro e historiador Mário Savelli nasceu em São Carlos em 1909. Veio para São Paulo aos 12 anos de idade. Entrou para a Light praticamente recém-formado pelo Mackenzie depois que resolveu seguir o conselho do pai: "Procure uma companhia grande para que ela lhe proporcione experiência".

Até então esta experiência vinha sendo adquirida na construção por conta própria de pequenos prédios, como casas de vila. Ao fim de 18 meses com uma produção de 157 prédios — "Um recorde para um recém-formado naquela época" —, verificou que tinha ganho somente 17 contos.

Dr. Savelli permaneceu na Light de 7 de setembro de 1936 até fins de julho de 1982. Durante os 46 anos em que trabalhou para a empresa, ocupou vários cargos de chefia. Iniciou a carreira como assistente do engenheiro Asa White Billings, trabalhando em seguida como engenheiro-residente nas obras do canal de Pinheiros em São Paulo. Na Light do Rio de Janeiro trabalhou, ainda como engenheiro-residente, nas obras da Carril Força Ltda. e nas obras do desvio do Paraíba-Pirai. De volta a São Paulo, ocupou as chefias do Departamento de Concessões e por último do Departamento de Relações Públicas, em que permaneceu até a saída da companhia. Dr. Savelli exerce atualmente a presidência interina do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, de que é membro desde 1961.

**BOLETIM HISTÓRICO.** Gostariamos que o senhor contasse um pouco de sua experiência de trabalho na Light. O senhor foi assistente do engenheiro Billings?

**SAVELLI.** Tornei-me assistente de maneira circunstancial, quase anedótica. Nos meus primeiros dias de trabalho na Light fui indicado por um companheiro para redigir um relatório para o sr. Billings. Conhecendo seu valor técnico-profissional, elaborei o trabalho procurando corresponder às expectativas. Na 2.ª feira seguinte, um mensageiro voltou das obras do "Summit Control", em São Bernardo, com o meu relatório, onde o sr. Billings tinha escrito à mão a seguinte nota: "Sr. Savelli, gostei muito do seu relatório. Parabéns. Continue a proceder da mesma maneira". Como ele tinha escrito meu nome com um só l, resolvi com uma coragem quase heróica retrucar-lhe: "Sr. Billings, agradeço o elogio. Realmente procurei caprichar e assim continuarei. Mas Savelli se escreve com dois l". Isto o deixou bastante impressionado. Algum tempo depois, convidou-me para escrever seus relatórios em português. Foi desta forma que me tornei "assistente-revisor" do sr. Billings.

**BH.** Como eram as relações de trabalho entre técnicos brasileiros e estrangeiros na Light?

**SAVELLI.** Eram cordiais e de muito respeito. Havia certa camaradagem muito bonita. Mas é verdade também que o convívio com estrangeiros que não conheciam a nossa língua fluentemente fazia que as relações fossem um pouco distantes.

**BH.** Quais as construções da Light de que o sr. participou?

**SAVELLI.** Eu participei praticamente de todas as construções, excluindo a usina térmica de Piratininga. Além do sr. Billings, pude trabalhar também com o notável engenheiro Adolpho J. Ackman no Departamento de novas construções.

**BH.** Quais as dificuldades enfrentadas pela Light nestas obras e em particular na construção do complexo energético da Serra do Mar?

**SAVELLI.** Houve uma infinidade de problemas, sendo o maior deles, do ponto de vista social, a malária. Basta dizer que, quando se cogitou de fazer as obras da Serra em 1925, a Light consultou o renomado médico sanitário Arthur Neiva, que desaconselhou o empreendimento naquele local sob pena de repetir-se o fracasso de empreendimento semelhante no Canal do Panamá. Mas, sendo as obras essenciais para a economia paulista e diante da insistência da Light, dr. Neiva sugeriu então que os trabalhadores fossem transportados para o alto da Serra antes do anoitecer, para evitar o período em que o mosquito transmissor da doença é mais ativo.

Além de adotar essa providência, a Light instituiu exame de sangue preventivo de todos os operários, visando a detectar possíveis portadores da doença, já que não existia esse tipo de controle por parte do governo federal ou estadual. Os custos da Light com saneamento nas obras da Serra foram altos, porém recompensadores, pois as obras foram realizadas com incidência de malária praticamente nula.

**BH.** Como ocorreu sua passagem do departamento de novas construções para o de Relações Públicas?

**SAVELLI.** Quando se construiu o sistema Paraíba-Pirai no Rio, a Light precisou negociar um empréstimo externo com o Banco Interamericano de Desenvolvimento no valor de 92 milhões de dólares em 1947. Como o empréstimo deveria ser aprovado pelo Congresso, fui destacado durante alguns meses para permanecer no Rio, apresentando informações aos parlamentares e levando-os a visitar as obras. Ao todo, acompanhei 5.200 visitantes ilustres para mostrar o que pretendíamos fazer no reservatório. Cheguei a ser convidado por Oswaldo Aranha para ingressar na política. Foi desta forma que a Light achou na época que eu tinha vocação para Relações Públicas, tendo sido, na volta a São Paulo, nomeado chefe do então Departamento



## A HISTÓRIA DA LIGHT É DE CERTA FORMA A HISTÓRIA DE SÃO PAULO E DO BRASIL

Logo depois tivemos a estiagem de 1956. Hoje, a estiagem é um drama. Mas naquela época era um drama ainda maior porque, embora o consumo de energia fosse mais reduzido, contávamos somente com os reservatórios de Guarapiranga e Billings, não existindo o atual sistema integrado. Assim, a situação tornou-se dramática, exigindo a construção em ritmo acelerado da usina termelétrica de Piratininga.

A estiagem que vivemos naquela época, convenceu-me de que nenhum destes grandes sistemas de energia elétrica, que suporta um parque industrial como o paulista e está situado em região tropical, pode deixar de ser coadjuvado por uma bem dimensionada complementação térmica. Nas regiões tropicais, com precipitações irregulares, estamos sujeitos a estas estiagens cíclicas: a cada 10 anos, 2 ou 3 anos de precipitações baixas e a cada 20 anos, um período ainda mais longo de seca.

**BH.** Foi sua experiência de trabalho na Light que o atraiu para o campo da história?

**SAVELLI.** Minha vocação de historiador é inata. Desde muito pequeno eu tinha o hábito de colecionar papéis, cartas, recortes de jornais. De certa forma, esta minha vocação também se manifestou no interesse pela documentação da Light. Houve época em que eu era a única pessoa na companhia preocupada em fazer a história da empresa. Por exemplo, a organização do acervo fotográfico da Light foi por mim inspirada. Eu insistia para que as fotos fossem guardadas em álbuns, catalogadas etc. Estudar a história da Light é, de certa forma, estudar a história econômico-social de São Paulo e do Brasil neste século.

Atualmente estou redigindo uma biografia de São Francisco de Assis. Tenho uma afeição imensa por São Francisco, talvez por temperamento ou por certa influência atávica. Minha família é essencialmente romana. O primeiro bispo Savelli é do ano 736. Depois disso, a família ficou muito ligada à Igreja Católica, que naquela época era

PRIMEIRO BONDE ELÉTRICO DE SÃO PAULO / 7 DE MAIO / 1900



BOLETIM  HISTÓRICO

EMPRESA  
ELETRICIDADE DE  
SÃO PAULO S.A.

5

Fevereiro/1986

R. Cel. Xavier de Toledo, n.º 23  
CEP 01048 São Paulo SP 239 6544

Eletropaulo - ELETRICIDADE DE SÃO PAULO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

Professor José Goldemberg

CONSELHEIROS

Antônio Ermirio de Moraes, José Aristodemo Pinotti, José Costa Cavalcanti, José Luiz de Almeida Nogueira Junqueira Filho, José Roberto Mendonça de Barros, Manuel Garcia Filho, Roberto Costa de Abreu Sodré e Rômulo de Almeida

VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO

Sérgio Roberto Vieira da Motta

DIRETORES

Antônio Russo, Custódio Motta Pelegrini, Henrique Waksman, João Baptista Dias Guzzo, Paulo de Tarso Carvalhaes, Reynaldo Maffei

SUPERINTENDÊNCIA DE COMUNICAÇÃO

Guilherme Lisboa

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO

José Alfredo O.V. Pontes

EDITOR

Ricardo Maranhão

EDITOR ASSISTENTE

Duarte Pereira

EDITOR DE ARTE

Fernando Lemos

PRODUÇÃO GRÁFICA

Cely Russo Vieira

PESQUISA E TEXTO

Célia Camargo, Dirce P.S. Mendes, Feliciano S.C. Dias, Giselle Beiguelman, Heloisa Barbosa da Silva, Margarida Cintra Gordinho, Maria Luisa N. de Almeida Paschkes, Nivia Faria, Vera Maria de Barros Ferraz

REVISÃO

Luiz Roberto Benati

PESQUISA E EXECUÇÃO FOTOGRÁFICA

Carlos Gomes Pires, Carlos Sérgio da Costa Lima, João Sócrates de Oliveira, Rubens Carotenuto

APOIO ADMINISTRATIVO

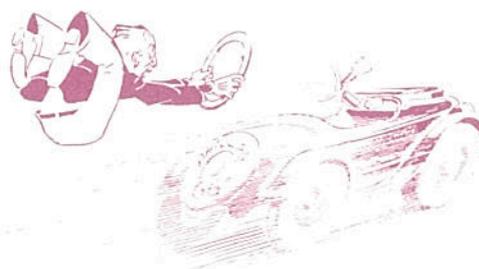
F.E. Bezerra de Menezes, Miriam Abasto Monteiro, Marco Antônio de Lima, Sônia Nascimento da Silva Sindici

FOTOLITO E IMPRESSÃO

Gráfica da Eletropaulo

TIRAGEM

13.000 exemplares

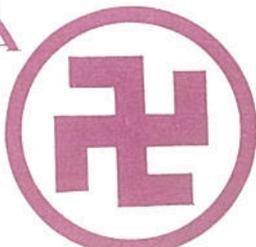


A primeira vez que "Mig" LANÇOU um 2 cilindros "ENERGINA" em um automóvel.

# ENERGINA

A MELHOR GAZOLINA

A VENDA EM TODA PARTE.



Produto da

## ANGLO MEXICAN PETROLEUM CO. Ltd.

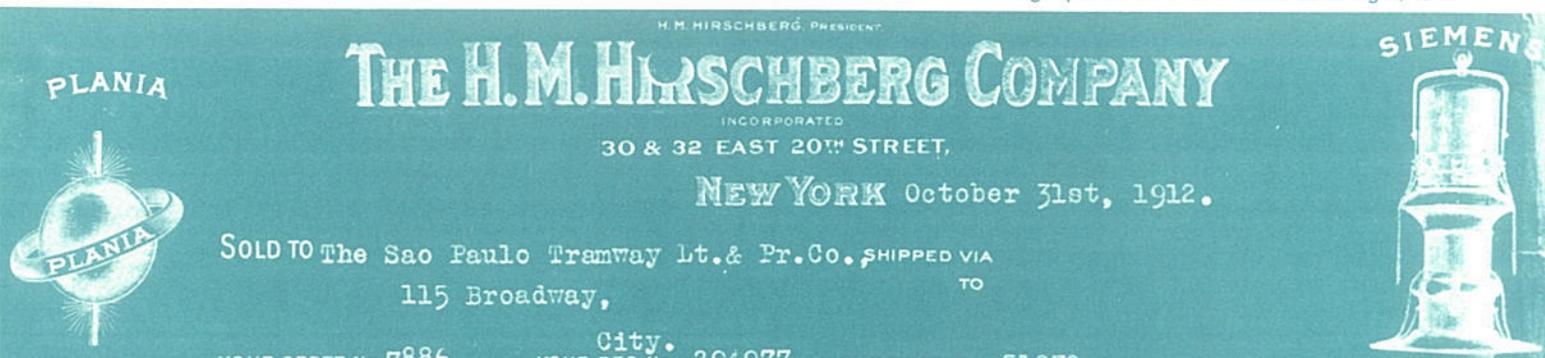
Av. Rio Branco, 41 Rio de Janeiro

AGENCIAS EM TODO BRASIL

Anúncio da Revista Light, ano 1, n.º 11, dezembro de 1928

aceita-se permuta  
se acepta permuta  
acceptons permutation  
exchange requested  
si accettano scambi  
wir bitten um austausch  
接受交換  
принимают обмен

Logotipo de um dos fornecedores da Light, 1912



H. M. HIRSCHBERG, PRESIDENT.

# THE H. M. HIRSCHBERG COMPANY

INCORPORATED

30 & 32 EAST 20<sup>TH</sup> STREET,  
NEW YORK October 31st, 1912.

SOLD TO The Sao Paulo Tramway Lt. & Pr. Co., SHIPPED VIA  
115 Broadway, TO  
City.

PLANIA  SIEMENS 